Malcolm Muggeridge

2.2.1 Biografia de Malcolm Muggeridge (Wikipedia)

Malcolm Muggeridge da Wikipedia, a enciclopédia livre



Thomas Malcolm Muggeridge (24 de março de 1903 – 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, autor, satirista, personalidade da mídia, espião militar e, posteriormente, apologista cristão.

Biografia

Seu pai, H.T. Muggeridge, foi um importante conselheiro municipal do Partido Trabalhista de Croydon, ao sul de Londres, e foi, por um breve período, membro do Parlamento pelo condado de Romford durante o segundo governo trabalhista de Ramsay MacDonald. Sua mãe se chamava Annie Booler.

Malcolm, um dos cinco filhos, estudou na escola de gramática Selhurst e no Colégio Selwyn da Universidade de Cambridge durante quatro anos, graduando-se em 1924 com menção passável nas ciências naturais. Ele então partiu para ensinar na Índia. Enquanto ainda era estudante, lecionou brevemente em 1920, 1922 e 1924 no Colégio John Ruskin de Croydon, onde seu pai era presidente dos prefeitos.

De volta à Inglaterra em 1927, casou-se com Katherine Dobbs (1903-1994), também conhecida como Kathleen ou Kitty, cuja mãe, Rosalind Dobbs, era uma irmã mais nova de Beatrice Webb. Ele trabalhou como professor substituto antes de partir, seis meses depois, para ensinar no Egito. Foi lá que conheceu Arthur Ransome, que estava no Egito como jornalista para o Manchester Guardian. Ransome recomendou Muggeridge aos editores do Guardian e ele foi empregado como jornalista pela primeira vez.

Moscou

Primeiramente atraído pelo comunismo, Muggeridge e sua esposa chegaram a Moscou em 1932, onde Malcolm deveria ser o correspondente do Manchester Guardian, aguardando William Chamberlin que estava de licença. No início de sua estadia em Moscou, seu principal trabalho

jornalístico foi escrever uma reportagem chamada *Picture Palace* sobre suas experiências no Manchester Guardian, a qual ele terminou e apresentou aos editores em janeiro de 1933. Infelizmente, os editores, preocupados com possíveis processos por difamação, não publicaram o livro, o que resultou em dificuldades financeiras para Muggeridge, que não estava realmente empregado na época, recebendo apenas por freelance. Perdendo rapidamente suas ilusões sobre o comunismo, Malcolm decidiu investigar diretamente a fome na Ucrânia, viajando até lá e ao Cáucaso sem a permissão das autoridades soviéticas. Os relatórios que ele enviava ao Guardian por meio da mala diplomática, assim evitando a censura, não foram impressos na íntegra, nem apareceram sob seu nome. Ao mesmo tempo, Gareth Jones, um jornalista rival, que havia encontrado Muggeridge em Moscou, se tornou famoso com sua própria história que confirmava a magnitude da fome. Escrevendo no New York Times, Walter Duranty negou descaradamente a existência de qualquer fome. A seu crédito, Gareth Jones escreveu cartas ao Guardian apoiando os artigos de Muggeridge sobre a fome. Como Muggeridge entrou em conflito direto com a linha editorial do jornal, voltou a escrever notícias, começando com *Hiver à Moscou* (1934), descrevendo as condições reais na utopia socialista e ridicularizando os jornalistas ocidentais complacentes com o regime de Stalin. Ele posteriormente chamou Duranty de "o maior mentiroso que já conheci no jornalismo". Mais tarde, envolveu-se em uma colaboração literária com Hugh Kingsmill. As concepções políticas de Muggeridge mudaram quando ele passou de uma perspectiva de socialista independente para o que muitos consideraram uma postura de direita, que não era menos severa em suas críticas às questões sociais. As ideias políticas de Muggeridge nunca se prestaram facilmente à categorização em termos de partidos políticos.

A Segunda Guerra Mundial

Durante a guerra, ele fez parte dos serviços do Secret Intelligence Service britânico operando em Bruxelas, o qual era dirigido por Richard Barclay, um homem fraco que Muggeridge e seu colega Donald intimidavam. A tentativa de Muggeridge de se atribuir, por vaidade, o mérito do desmantelamento de uma rede de espionagem alemã em Antuérpia, na qual ele não tinha desempenhado nenhum papel, provocou a indignação dos que estavam envolvidos (Richard Gatty e Charles Arnold-Baker). Ele foi posteriormente enviado para Lourenço Marques, uma cidade neutra na África Oriental Portuguesa, onde se diz que foi responsável pela captura de um submarino alemão, mas também falou mais tarde sobre uma tentativa de suicídio. Pouco depois da Libertação de Paris pelos aliados, Muggeridge foi encarregado de uma investigação preliminar sobre P.G. Wodehouse, processado a respeito de cinco transmissões de rádio realizadas a partir de Berlim durante a guerra. Embora estivesse inicialmente disposto a desprezar Wodehouse, sua entrevista foi o início de uma amizade duradoura e de uma relação editorial. Esse encontro mais tarde inspirou uma peça de teatro de Roger Milner chamada "Além da Piada".

Período do pós-guerra.

Ele trabalhou para outros jornais, incluindo o *Calcutta Statesman*, o *Evening Standard* e o *Daily Telegraph*. Foi editor do Punch Magazine de 1953 a 1957, um cargo que era um desafio para alguém que proclamava não ter senso de humor. Em 1957, ele foi alvo de um grande desapreço público e profissional por criticar a monarquia britânica em uma revista americana, o *Saturday Evening News*. Dado seu título provocador "*A Inglaterra realmente precisa de uma rainha?*", seu artigo foi deliberadamente atrasado por cinco meses por um editor astuto, com o objetivo de

coincidir com a visita real de Estado a Washington DC que ocorreria mais tarde no ano. Embora este artigo não fosse mais do que um ressurgimento de pontos de vista já expressos em um artigo de 1955, "*Royal Soap Opera*", essa infeliz programação gerou uma reação particularmente indignada na Grã-Bretanha, e ele foi, por um breve período, proibido de estúdios da BBC, enquanto um contrato com os jornais Beaverbrook foi cancelado. Sua má reputação contribuiu para impulsionar sua carreira para se tornar um apresentador de programas de rádio ainda mais conhecido, com uma reputação de entrevistador inflexível. Mas, ao longo dos anos 60, ele estava em um período em que suas próprias convicções espirituais começaram a ter mais peso em sua carreira profissional. Cada vez mais, ele se tornava algo ridículo e caricatural ao tentar denunciar frequentemente, no rádio e na televisão, a nova fadiga sexual dos hippies da década de 60. Seus sarcasmos visavam particularmente a moda "Pílulas e Pétard" – pílulas anticoncepcionais e cannabis. Seu livro de 1966, *Marche légèrement parce que tu marches sur mes plaisanteries*, foi publicado durante sua fase de busca espiritual, e embora mordaz em seu humor, indicava ao mesmo tempo um olhar sério sobre a vida. Este título é uma alusão à última linha do poema de W.B. Yeats *Ele desejava os vestígios do Céu* – "*Caminhe levemente porque você está pisando em meus sonhos.*" Em 1967, ele pregou na Igreja de Santa Maria a Grande em Cambridge, assim como em 1970. Sendo eleito reitor da Universidade de Edimburgo, Muggeridge aproveitou a oportunidade de um sermão na Catedral de São Guilherme em janeiro de 1968 para renunciar ao seu cargo em protesto contra a posição do Conselho dos Representantes dos Estudantes sobre a questão de "Pílulas e Pétard". Esse sermão foi posteriormente publicado sob o título *Outro Rei*.

Muggeridge se tornou famoso como o "descobridor" da Madre Teresa, sendo o primeiro a entrevistá-la em Londres em 1968. Contou ao mundo suas façanhas através de um documentário de televisão filmado em Calcutá chamado *Algo Belo para Deus*, assim como um livro com o mesmo nome que se tornou um best-seller. Ele era famoso por seu espírito e seus escritos profundos (como por exemplo: "*Nunca se esqueça que apenas o peixe morto nada com a corrente*"). Escreveu uma autobiografia em dois volumes sob o título *Crônicas do Tempo Perdido*. O primeiro volume (1972) se intitulava *O Bastão Verde*, e o segundo volume (1973) *O Bosque Infernal*. Um terceiro volume estava previsto, *O Olho Bom*, para cobrir o período do pós-guerra; foi iniciado, mas nunca terminado.

Conversão ao Cristianismo

Depois de professar publicamente ser um agnóstico durante quase toda a sua vida, ele descobriu sua voz cristã ao publicar *Jesus Redescoberto* em 1969, uma série de ensaios, artigos e sermões sobre a fé. Tornou-se um best-seller. *Jesus: O Homem que Está Vivo* seguiu em 1976, uma obra mais substancial descrevendo o evangelho com suas próprias palavras. Em *Um Terceiro Testamento*, ele pinta o retrato de sete pensadores espirituais, ou "Espiões de Deus", como os chama, que influenciaram sua vida: Agostinho de Hipona, William Blake, Blaise Pascal, Leon Tolstói, Dietrich Bonhoeffer, Søren Kierkegaard e Fiódor Dostoiévski. Foi nessa época que produziu vários documentários importantes com temas religiosos para a BBC, incluindo *Nos Passos de São Paulo*.

Em 1979, ele atacou publicamente John Cleese e Michael Palin durante um debate na televisão sobre a questão do blasfêmia pública no filme dos Monty Python, *A Vida de Brian*.

A conversão subsequente ao Catolicismo Romano

Em 1982, ele surpreendeu muitos ao se converter ao Catolicismo Romano aos 79 anos, junto com sua esposa Kitty. Essa conversão foi amplamente devida à influência da Madre Teresa. Seu último livro, *Conversão*; publicado em 1988 e recentemente reeditado, descreve sua vida como uma peregrinação do século 20 – uma jornada espiritual.

Muggeridge era uma figura controversa – amplamente conhecido por ser um bebedor, um fumante inveterado e um libertino em sua vida anterior. No entanto, várias de suas obras mais conhecidas são fruto da fé que ele encontrou tardiamente, a qual expressou com eloquência em suas transmissões, como em seus escritos, e em suas enérgicas batalhas sobre questões morais. Hoje, ele é lembrado com carinho pelo nome de St. Mugg. Em seu livro, *Jesus: O Homem que Está Vivo*, ele diz: "Se o maior de todos, Deus encarnado, escolhe ser o servo de todos, quem gostaria de ser o mestre?" Ele foi um líder durante o Festival da Luz de 1971 em toda a Inglaterra, protestando contra a exploração comercial do sexo e da violência na Grã-Bretanha, advogando que o ensinamento de Cristo é a única chave para restaurar a estabilidade moral da nação.

Uma sociedade de literatura foi fundada em seu nome em 24 de março de 2003, por ocasião do centenário de seu nascimento, que publica uma carta trimestral intitulada *A Gargoyle*. Essa sociedade, com sede na Grã-Bretanha, está reeditando as obras de Muggeridge. Os escritos de Muggeridge estão reunidos em coleções especiais no Wheaton College, em Illinois, EUA.

2.2.2 A infância de Malcolm Muggeridge, os Webb e a Fabian Society (Richard Ingrams – Washington Post)

http://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/books/chap1/muggeridge.htm

Muggeridge
A Biografia
Por Richard Ingrams

Capítulo Um: Infância

A mais antiga lembrança de vida de Malcolm era de homens – seu pai e seus amigos – conversando. Eles se reuniam na sala de estar da casa dos Muggeridge em South Croydon nas noites de sábado e, com a ajuda de pequenas quantidades de uísque e água, discutiam política, embora com matizes literários e filosóficos. Para evitar ser notado e mandado para a cama, Malcolm se escondia em um divã de costas altas coberto de damasco, que era chamado de 'canto aconchegante', uma peça de mobília incongruente que seu pai havia adquirido em uma loja de segunda mão. Assim, oculto, o menino ouvia atentamente a conversa e, quando finalmente ia para a cama, relembrava incessantemente em sua mente os vários esquemas que haviam sido propostos, como, por exemplo, a superioridade dos bondes municipais em relação a outras formas

de transporte, todos os quais ele aceitava incondicionalmente como formas de tornar o mundo um lugar melhor.

O pai de Malcolm, H. T. Muggeridge, que dominou sua infância, era um homem pequeno, de barba, com uma grande estatura, um olho cintilante e um nariz um tanto bulboso que ele passou para seu filho. Ele nasceu em 26 de junho de 1864, o filho mais velho de Henry Ambrose Muggeridge, um agente funerário na então vila de Penge, em Surrey (o Diretório Aspinall de 1867 lista Henry Muggeridge de Maple Road, Penge, sob 'Leiloeiro' e 'Fabricante de Móveis e Tapeceiro'). Quando Henry tinha doze anos, seu pai abandonou sua esposa e onze filhos, e a Sra. Muggeridge foi forçada a sustentá-los administrando uma loja de móveis de segunda mão na Penge High Street. Henry deixou a escola aos treze anos e meio para ganhar a vida ajudando a sustentar a família e conseguiu um emprego como office boy em um escritório de advogados na City. Ele ganhava 7 xelins por semana, que dava para sua mãe, que lhe devolvia um xelim para viajar de trem e 4 pence por dia para comida.

Todos os dias, ele comprava um copo de leite por um penny e um pão doce por outro penny, e gastava os dois pence restantes nas livrarias da Charing Cross Road. Ele se ensinou a falar francês e a tocar piano. Mais tarde, percebendo que nunca conseguiria se tornar advogado, conseguiu um emprego como office boy na MacIntyre, Hogg Marsh e Company, uma empresa de fabricação de camisas na New Basinghall Street EC2 (mais tarde demolida durante o Blitz). Ele permaneceu na empresa até se aposentar, eventualmente se tornando secretário da empresa, embora, para a decepção de sua esposa, tenha recusado uma diretoria, pois achava que isso conflitava com seus princípios políticos.

Das suas leituras durante o almoço, H. T. Muggeridge adquiriu um interesse absorvente por política e literatura. Embora mais tarde tenha se tornado um deputado trabalhista, seu primeiro compromisso foi com a Associação Liberal de Penge, onde teve um papel ativo na campanha por uma biblioteca pública no bairro, assim como por banhos públicos. No início da década de 1890, ele se tornou socialista, juntou-se à Fabian Society em 189, e posteriormente à ILP. Tornou-se secretário da Sociedade Socialista de Croydon em 1895 e se candidatou sem sucesso a um cargo no conselho local em Norwood em 1896 e 1897. Ele era um excelente orador público, embora nem sempre tivesse a oportunidade de ser ouvido. Um relatório animado no Croydon Times de 5 de outubro de 1899 relata uma demonstração contra a Guerra dos Boers em Duppas Hill, onde uma multidão de cerca de 2.000 'patriotas' interrompeu a reunião antes que pudesse sequer começar.

Quando o Sr. H. T. Muggeridge subiu ao palco com o intuito de abrir os trabalhos, foi imediatamente atacado por gritos de 'Kruger', 'Tire-o', 'traidor', etc. No entanto, conseguiu começar - 'Só pedimos por -' disse ele, mas não avançou mais quando gritos de decisão foram levantados. Alguém pediu por "Três vivas para Salisbury", e esses foram dados com entusiasmo, após o que a multidão cantou entusiasticamente o refrão de 'Rule Britannia'.

Sr. Muggeridge: 'Só pedimos por -' (gritos de derrubem o velho Kruger e mais 'Rule Britannia' e outros pedindo vivas pela Rainha, Chamberlain, Ronald Grahame e todos os outros que poderiam pensar - até mesmo pela polícia!).

Um rapaz de aparência rude desenrolou uma espécime suja e esfarrapada da Union Jack, para intensa alegria da multidão que aplaudiu e aplaudiu novamente.

Sentindo que era inútil tentar prosseguir com seu discurso, o Sr. Muggeridge desistiu da tentativa – sua saída do palco foi sinal para mais aplausos.

Apesar do eleitorado predominantemente de classe média da cidade, o socialismo tinha um forte apoio em Croydon e, em 1903, havia cinco membros trabalhistas entre os trinta e seis do conselho. Muggeridge foi eleito em novembro de 1911 e permaneceu conselheiro até 1930. Seu interesse especial era a habitação, e ele foi fundamental na construção das primeiras casas do conselho em Croydon. Ele também fez campanha por taxas de pagamento de sindicatos para todos os funcionários municipais. Ele se candidatou ao Parlamento em South Croydon em quatro eleições sem sucesso e foi finalmente eleito como deputado por Romford em maio de 1929. Em dezembro de 1930, foi um dos deputados de todos os partidos que assinaram o manifesto de Oswald Mosley, pedindo uma economia planejada para estimular as exportações e planejar o consumo interno. Ele perdeu seu assento em outubro de 1931, mas foi reeleito para o Conselho de Croydon em 1933 até renunciar, devido a problemas de saúde, em 1940, época em que tinha 75 anos.

Em 1893, aos vinte e nove anos, H. T. Muggeridge casou-se com Annie Booler, que conheceu enquanto ambos passavam férias na Ilha de Man ("Foi um encontro casual", costumava dizer Malcolm). Mais tarde, ele a visitava em Sheffield, embora mesmo então, parecia que a política tinha precedência sobre a paixão, e Annie ficava sabendo da presença de seu pretendente na cidade quando um de seus irmãos lhe dizia: "Seu Harry está lá fora, nos portões da fábrica, falando." Após o casamento, eles se estabeleceram em Broomhall Road, Sanderstead, uma aldeia nos arredores de Croydon. Annie era uma garota de classe trabalhadora muito bonita, de cabelos claros, filha de Ida e William Booler, um supervisor em uma fábrica de cutelaria em Sheffield. Ela não compartilhava nenhum dos interesses políticos do marido, embora às vezes o acompanhasse em suas reuniões, sentasse ao seu lado no palco e puxasse as abas do seu casaco quando achava que ele estava falando por muito tempo. "Annie ainda vive no mundo do amor simples pelos que o grande pai lhe deu", escreveu seu marido para Alec Vidler em 1926. "Ela não tem introspecção, dúvidas, ou ambições – exceto talvez ainda querer parecer bonita, o que, acredito, é algo a se ter inveja."

Annie lhe deu cinco filhos em intervalos de três anos—Douglas, Stanley (morto em um acidente de motocicleta aos vinte e três anos em 19 de agosto de 1922), Malcolm, Eric e Jack. Seu terceiro filho nasceu em 24 de março de 1903 e foi nomeado Thomas Malcolm em homenagem a um dos heróis de seu pai, Carlyle. Ele foi, segundo seu próprio relato, uma criança bonita e, aos três meses, venceu um concurso de bebês patrocinado pela Mellins Food. Embora Malcolm falasse calorosamente em sua vida posterior sobre os parentes de classe trabalhadora de sua mãe, parece que ele nunca foi muito próximo dela. "Ela era extremamente bonita", escreveu ele, "com cabelos muito claros e uma expressão de inocência insondável... somente, se você olhasse fundo, longe da superfície translúcida, encontraria algo de aço, duro e implacável lá." Kitty Muggeridge sempre insistiu que Malcolm nunca foi realmente amado por sua mãe.

Pouco depois do nascimento de seu filho mais novo, Jack, os Muggeridge mudaram de sua casa geminada de três quartos em Sanderstead para 17 Birdhurst Gardens, South Croydon, uma casa

independente de cinco quartos "em seu próprio terreno", que H. T. M. construiu por meio de uma cooperativa por 1.000 libras (terreno e tudo). Embora bem construída, a casa era simples por dentro, sendo o único aquecimento na ampla sala de estar um fogão fechado de antracito, no qual Malcolm costumava se sentar quando estava em casa. Essa sala também continha um pianola – um presente de um dos amigos de H. T. M. Apesar de ter cinco quartos, três dos meninos (Eric, Jack e Malcolm) tiveram que compartilhar uma cama em um determinado momento, e Jack lembrava que Malcolm frequentemente tinha pesadelos e às vezes andava dormindo.

Birdhurst Gardens era uma estrada curta e não pavimentada, a fundo no coração da suburbia. Os vizinhos dos Muggeridge eram altamente respeitáveis e olhavam para os visitantes socialistas no número dezessete com certa apreensão. Não demorou para que Malcolm e seus irmãos fossem chamados de "aqueles terríveis meninos Muggeridge".

Todos os meninos adoravam seu pai, mesmo que, com seu trabalho na cidade e reuniões políticas à noite, ele estivesse, mais vezes do que não, longe de casa. Ele os levava para passeios de bicicleta no campo aos domingos e, à noite, lia em voz alta para eles a partir de uma grande edição ilustrada das peças de Shakespeare, ou sentava-se ao pianola tocando Beethoven com um cachimbo drogado presa entre os dentes. Sua esposa tinha pouco ou nenhum papel nessas atividades, embora às vezes pudesse ser convencida a cantar acompanhada por ele. Ela não tinha interesse especial em livros e apenas escreveu com dificuldade. Talvez invejosa das conquistas do marido, mantinha-se à parte e, quando, como jovem, Malcolm partiu para a Índia, sua mãe não estava no cais para se despedir dele (uma ausência que ele não parecia achar notável) e raramente escrevia para ele quando estava longe.

Seu pai era Deus. "Desde o início", ele escreveu, "tivemos algum vínculo, alguma intimidade especial que me fez querer compartilhar e explorar todos os seus pensamentos, interesses e altitude." Malcolm caminhava com ele até pegar o trem das 8h30, subindo uma colina bastante íngreme, passando pela torre d'água e pelo campo de recreação até a Estação East Croydon; à noite, ficava encantado ao reconhecer a pequena figura de chapéu-coco avançando à frente da maré de trabalhadores da cidade retornando para casa. Muitas vezes, ele ia diretamente para a Prefeitura de Croydon para uma reunião do Conselho Municipal e, às vezes, como um tratamento especial, Malcolm tinha permissão para se sentar na galeria pública e ouvir seu pai participar do debate. Mas as memórias mais vívidas de Malcolm eram de seu pai no mercado da Surrey Street nas noites de sábado, erguendo sua pequena plataforma e arengando os transeuntes sobre a necessidade do socialismo. Ele tinha uma piada particular que seu filho sempre se lembrava: "Agora, senhoras e senhores. É o governo de Sua Majestade, a Marinha de Sua Majestade, o Escritório de Papelaria de Sua Majestade, isso e aquilo de Sua Majestade. Mas é a Dívida Nacional. Por que não é isso de Sua Majestade? Vamos deixar que Sua Majestade tenha isso, não vamos?"

Desde o início, seu pai olhou para Malcolm como diferente. "Agora tenho três filhos pequenos", ele escreveu para seu irmão Percy na Austrália em 1906. "Little Malcolm, que tem dois anos e meio, é o mais novo e achamos que é o mais promissor de todos." À medida que crescia, seus irmãos também passaram a compartilhar a visão do pai. Seu irmão mais novo, Jack (o único com quem ele realmente se dava bem), sempre estava ciente de um elemento espiritual na formação de Malcolm que faltava nos outros. Não era que ele fosse necessariamente mais inteligente, ele simplesmente era mais consciente. (Jack lembra como Malcolm, ainda estudante, notou que ele era naturalmente

canhoto e o ajudou a escrever com a mão esquerda. Previsivelmente, isso foi imediatamente corrigido quando ele começou a escola.) Ele começou aulas de piano em uma escola dirigida por duas irmãs chamadas Monday, logo ao virar da esquina da casa dos Muggeridge, e, aos sete anos, foi para a escola elementar. Aqui começou aquela estranha sequência de encontros aparentemente acidentais que marcaram sua vida. Sua professora era Helen Corke, que na época em que ensinava Malcolm estava tendo um caso com um jovem professor da escola Davidson Road nas proximidades, cujo nome era D. H. Lawrence, e que estava começando a escrever. Helen Corke mais tarde disse a Kitty que Malcolm era "muito encantador, mas impossível".

Malcolm sempre foi grato pelo fato de ter estudado em escolas públicas, sendo assim poupado dos vários complexos que afetaram seus contemporâneos de colégios particulares. Aos doze anos, ganhou uma bolsa para uma escola de gramática local. "A escola para nós," ele escreveu, "era um lugar de onde sair o mais rápido possível e por tanto tempo quanto possível. Tudo o que era emocionante, misterioso e aventureiro acontecia fora de suas fronteiras, não dentro delas."

Como estudante, Malcolm não deu muitas indicações de habilidades excepcionais. "Certamente, ninguém teria aceitado que ele era excepcional de alguma forma", lembrou seu colega Robert Edgar, que mais tarde se tornou diretor. "De fato, ele tinha uma tendência a ser um pouco bobo... a atitude dos mestres em relação a ele era de tolerância divertida." Outro contemporâneo, Arthur Gibson, recordou: "Todos nós o considerávamos um rapaz meio esquisito. Ele era uma pessoa emocional. Sempre se exaltava e ficava muito irritado com as injustiças. E extremamente excitável. Exibia-se bem em inglês escrito e nas conversas." George Ratcliffe, que se tornou contador-chefe na London Electricity Board, lembrou que Malcolm "geralmente estava na metade inferior da turma quando se tratava de exames. Mas era sempre muito verboso e autoconfiante." (Women's Mirror, 19 de fevereiro de 1966)

No que diz respeito a se exaltarem por injustiças, o irmão de Malcolm, Jack, recordou um incidente que comprova isso. O diretor, Sr. Hillyer, era um sádico que, após os anos de guerra, quando a disciplina na escola estava em baixa, se entregava ao prazer de chicotear meninos em seu escritório ou na biblioteca. Durante uma dessas sessões, Malcolm entrou na biblioteca, pegou o bastão de Hillyer, quebrou-o e saiu sem dizer uma palavra. Não se ouviu nada a respeito depois disso.

Quanto a livros e ideias, Malcolm foi educado quase que inteiramente por seu pai. Ele percorria sua biblioteca – seis ou sete prateleiras em uma estante coberta de vidro – com livros que poderiam ser encontrados em qualquer lar fabiano progressista da época, como obras de Carlyle, Dickens, William Morris, Ruskin, Bernard Shaw, além de clássicos socialistas dos Webb e de R. H. Tawney. Seu livro mais precioso era *A Pageant of English Poetry* (Clarendon Press), que seu pai lhe deu de presente de Natal em 1914, quando ele tinha onze anos. Foi o primeiro livro que possuiu, e ele costumava olhar para a folha de rosto que mostrava seis poetas famosos (Keats, Tennyson, etc.) e se perguntava qual deles ele iria se tornar.

Na casa dos Muggeridge, como em outros lugares, o idealismo e o otimismo sobre um novo mundo foram abafados pela eclosão da guerra em 1914. Como muitos à esquerda, H. T. M., embora não fosse pacifista, antes da guerra tinha um instinto pró-alemão e anti-francês. A guerra o desestabilizou e Malcolm teve uma memória vívida de encontrar seu pai uma manhã sentado à

mesa do café da manhã, fitando a longa lista de baixas nos jornais da manhã, seu rosto banhado em lágrimas.

Para Malcolm, que tinha apenas onze anos quando a guerra começou, tudo era emocionante e glamoroso. Seus irmãos mais velhos se alistaram; Douglas foi para o Exército, Stanley para o Corpo Aéreo Real, e ele ansiava secretamente que a guerra continuasse para que pudesse usar um uniforme e ser como os soldados que ele assistia com inveja dançando com as moças bonitas nas noites de sábado no Greyhound Hotel. Ele chegou a ir ao escritório de recrutamento local quando tinha treze anos, mas quando lhe disseram para apresentar uma certidão de nascimento, fugiu, em pânico, com medo de que sua inscrição fraudulenta fosse denunciada. Aos dezessete anos, Malcolm se apaixonou pela primeira e, de forma alguma, pela última vez. O nome dela era Dora Pitman e eles se conheceram pela primeira vez nas quadras de tênis municipais. A partir de então, ele passou muitas horas com ela, visitando sua casa em Thornton Heath. "Estou terrivelmente apaixonado por uma encantadora garotinha chamada Dora", escreveu; "ela tem olhos simplesmente maravilhosos e escreve poesia."

Nenhum dos poemas de Dora sobreviveu, embora um dos de Malcolm endereçado a Dora tenha ficado, porque ele o incluiu de forma bastante cruel em sua peça *Three Flats*, produzida em 1931.

Venham, amados, vamos dormir e não desperdiçar Nosso tempo em paixão ociosa. Há mil noites iluminadas por estrelas para provar Nossas loins em selvagem moda carnal.

Ninguém gostaria de ser julgado por seus esforços juvenis, quanto mais por suas cartas. No entanto, as cartas sobreviventes de Dora para Alec Vidler sugerem que Malcolm teve uma sorte de escapar. "E agora não lhe contei como Malcolm está", ela escreveu (22 de março de 1923). "Quando fomos lá, ele não parecia tão bem quanto deveria, porque em uma festa maluca que eles tiveram algumas semanas atrás, acidentalmente um jarro foi smash em sua cabeça... Ele é um garoto bobo... Eu acho que isso lhe ensinou uma lição, no entanto, e tenho certeza de que ele será mais cuidadoso no futuro. Em si mesmo, ele é apenas o mesmo garotinho querido e adorável – um pouco mais sério do que costumava ser."

A essa altura, Malcolm já era um estudante de graduação em Cambridge, tendo ingressado no Selwyn College em outubro de 1920. Ele falava depreciativamente do ensino na Selhurst School – muitos dos mestres se alistaram em 1914 – mas não pode ter sido tão ruim assim se ele conseguiu a admissão em um colégio de Cambridge.

Em 1920, Selwyn era, segundo seu historiador, o Professor W. R. Brock, 'muito pequeno, muito pobre, muito anglicano e academicamente bastante medíocre'. Havia cerca de 120 graduandos, aproximadamente igualmente divididos entre meninos de escolas públicas e de gramática. As mensalidades eram mais baixas do que as das faculdades mais antigas e um grande número dos estudantes eram filhos de clérigos. O colégio admitia apenas membros confirmados da Igreja da Inglaterra, uma restrição que significa que o colégio não fazia parte oficialmente da Universidade. Como resultado, Malcolm teve que ser confirmado antes que pudesse ir a Cambridge. Isso, por sua vez, significava que ele também tinha que ser batizado. Malcolm sempre desdenhou de Cambridge, dizendo que não se beneficiava muito de seus estudos. Isso talvez não fosse surpreendente, já que ele foi obrigado a estudar para um diploma em Ciências Naturais – sendo

este o único assunto disponível em sua escola secundária para estudo pós-matriculação. No entanto, as evidências não sustentam completamente a imagem que Malcolm tinha de si mesmo como um solitário outsider de uma escola pública lançado em um mundo de snobs de escolas particulares e homossexuais, odiando cada minuto disso.

Malcolm participou das atividades do colégio. A revista do Selwyn, *The Calendar*, registra que, em 18 de fevereiro de 1922, ele propôs e conduziu uma moção na Sociedade de Debates que "O século 20 mostra uma melhoria geral em relação ao 19". Ele ingressou em outra sociedade de debates, os Friars, e foi eleito presidente em 1923. Ele remou em um dos barcos do colégio, jogou tênis e até mesmo futebol, mas foi excluído porque não era bom. Longe de torcer o nariz para os homens de escolas públicas, ele fez o possível para se tornar como eles. (No entanto, um contemporâneo, C. W. Phillips, que mais tarde se tornou um distinto arqueólogo, lembrou dele como um graduando muito difícil – rebelde e impopular.) Seus irmãos ficaram surpresos com a transformação nele após apenas um semestre. Seu sotaque se tornara uma estranha mistura de Croydon suburbano e um sotaque de classe alta, e sua conversa estava cheia de expressões peculiares, até então desconhecidas em Birdhurst Gardens. Seus pais não eram mais Mamãe e Papai, mas Pater e Mater ou "meus pais", enquanto coisas ou pessoas que ganhavam sua aprovação eram "fantásticas" ou "simplesmente magníficas" (uma descrição que ele aplicou com total seriedade à sua namorada Dora).

Nada sugere que H. T. Muggeridge ficasse desconcertado pela mudança em seu filho ou por sua aparente defeição para a burguesia desprezada. Como muitos homens de sucesso que se fizeram sozinhos, ele valorizava enormemente os benefícios da educação e estava determinado a que seu filho favorito tivesse todas as vantagens que ele mesmo não teve. Todas as suas esperanças estavam depositadas em Malcolm, e ele gastou o que pôde para apoiá-lo em detrimento de seus outros filhos. Ele comprou para Malcolm uma associação vitalícia ao Cambridge Union e em três ocasiões o ajudou a sair de dívidas que ele acumulara com seu alfaiate. Mesmo a falha de Malcolm em se destacar em seus estudos fez pouco para diminuir seu orgulho pelo filho. Pode ser que tenha sido graças às conexões de seu pai que Malcolm obteve uma bolsa do Conselho de Croydon para ajudar a pagar as mensalidades do colégio. Assim, nos termos do Plano do Conselho de Educação, ele estava obrigado a passar quatro anos em Cambridge: três anos para o Tripos e um quarto fazendo um diploma de formação de professores, após o qual se esperava que ensinasse em uma escola pública por dois anos. Isso também o envolveu em práticas de ensino em escolas locais em Croydon durante seus dois primeiros anos do Tripos. Malcolm obteve um diploma de professor (classe 2) em dezembro de 1924. O examinador elogiou seu "esplêndido controle da classe" enquanto ao mesmo tempo observava: "Fala demais, atrapalhado por uma certa quantidade de vaidade."

Seu resumo geral foi o seguinte: "Após sua falha no Tripos, desenvolveu uma predileção por inglês. Ele tem uma opinião confiante de si mesmo. É muito agradável lidar com ele. É franco e agradável na maneira. Seus interesses são amplos e variados, mas ele carece de profundidade. Ele é amigável e cortês e será um colega agradável. Ele é um pouco imaturo e tem uma perspectiva infantil. Ele é devotado ao ensino, que ele prefere acima de todas as coisas..."

Foi uma avaliação perspicaz de seu caráter que muitos que o conheceram na vida posterior reconheceriam. Quanto à falta de profundidade e à imaturidade, levaria algum tempo antes que

essas características fossem completamente erradicadas.

2.2.3 A família de Malcolm Muggeridge: sua sogra Rosalind Dobbs, nascida Potter, irmã de Beatrice Webb

Biblioteca Britânica de Ciências Políticas e Econômicas

COLL MISC 0378

DOBBS ROSALIND HEYWORTH 1865 - 1949 NEE POTTER

1940-1945

Extensão: Um volume

História Biográfica

Rosalind Heyworth Dobbs (1865 - 1949) foi a filha mais nova de Richard Potter, presidente da Grand Trunk Railway do Canadá e presidente da Great Western Railway (1817 - 1892). Sua irmã Beatrice Webb (1858 - 1943) era uma proeminente reformadora social e esposa do reformador Sidney Webb, Barão Passfield (1859 - 1947). Em 1888, ela casou-se com Arthur Dyson Williams (1859 - 1896), um advogado. Eles tiveram um filho, Noel, que morreu na Primeira Guerra Mundial. Após a morte do marido, ela viveu no exterior por três anos. Em 1899, casou-se com George Dobbs (1869 - 1946). Dobbs trabalhou na editora Dent, mas, após seu casamento, fundou uma editora com um colega. A empresa faliu, e as irmãs Potter ofereceram-se para pagar suas dívidas, desde que o casal concordasse em viver no exterior. Eles foram viver na Suíça, e Dobbs trabalhou em um negócio de viagens. Tiveram quatro filhos e uma filha, **Kathleen (1903 - 1994)**, que se casou com o escritor Malcolm Muggeridge (1903 - 1990).

Escopo e Conteúdo

Esboços biográficos do político Joseph Chamberlain (1836 - 1914), do filho de Rosalind Dobbs e campeão britânico de esqui Leonard George Dobbs (1902 - 1945), dos autores George Gissing (1857 - 1903) e H. G. Wells (1866 - 1946), e **Kitty** (1903 - 1994) e **Malcolm Muggeridge** (1903 - 1990) e da família Potter.

Organização

Um volume

Acesso: ABERTO

2.2.4 Um Reverendo incentivou Malcolm Muggeridge a se converter

O Rev. Dr. Alec Vidler (27 de julho de 1987) foi a primeira pessoa a dar um empurrão em direção ao cristianismo para o ex-agnóstico fervoroso Malcolm Muggeridge, que descreveu o então ex-Deão de King's, Cambridge, como "um cético disfarçado de fé". Vidler teria ficado surpreso, talvez alarmado, ao ver o grau de austeridade sub-agostiniana ao qual Muggeridge se entregou em sua eventual crença (Católica Romana). Eles compartilhavam o gosto pelo pão caseiro, assado, no caso de Malcolm, por sua esposa santa e longânima, Kitty.

2.2.5 Malcolm Muggeridge, apresentado como um "profeta do século XX": Michael Davies entrevista Muggeridge

Malcolm Muggeridge foi visto como uma figura profética no século XX, e suas entrevistas, como a realizada por Michael Davies, destacavam sua visão singular do mundo e suas convicções. Os temas de suas conversas frequentemente abordavam questões de moralidade, crença e o papel do indivíduo na sociedade moderna, explorando como suas experiências pessoais moldaram sua fé e seus pontos de vista teológicos. Essa perspectiva única, combinada com seu estilo de vida e suas realizações, contribuiu para sua imagem como uma voz influente e provocadora de sua época.

Embora as fontes e detalhes exatos da entrevista de Michael Davies não sejam apresentados aqui, essa descrição reflete o impacto que Muggeridge teve como pensador e comentarista social em seu tempo.

Um profeta do século XX

Decker, Brett M

O importante legado de Malcolm Muggeridge Um profeta do século XX É frequentemente perspicaz saber como escritores eminentes medem seus colegas escritores. O historiador Paul Johnson escreveu sobre o falecido jornalista inglês Malcolm Muggeridge que "Nenhum homem de sua geração, exceto o falecido Evelyn Waugh, valorizou as palavras tão profundamente ou as usou com tal exatidão fastidiosa". O que poderia ter sido mais pertinente é que nenhum homem da geração de Muggeridge, exceto o falecido George Orwell, era melhor em prever o futuro.

Em seu livro, Malcolm Muggeridge: Uma Biografia, Gregory Wolfe reconta a vida notável de um homem que tinha um talento para profecias precisas, mas desagradáveis.

Um dos legados literários mais importantes de Muggeridge é sua crônica sobre os horrores das fomes soviéticas. Em uma missão como correspondente estrangeiro em Moscou, em março de 1933, ele desafiou uma proibição de viagem e embarcou em um trem para a Ucrânia e o Cáucaso do Norte.

Do campo, ele escreveu sobre cadáveres em decomposição nos campos e mais tarde comparou as 7 a 10 milhões de vítimas do genocídio de Stalin ao Holocausto nazista. Na época, os esquerdistas se recusavam a acreditar em suas dispatches dos campos de morte soviéticos, e seus editores no liberal Manchester Guardian cortaram suas histórias e as enterraram nas páginas finais do jornal.

O trabalho do Sr. Wolfe está cheio de anedotas sobre Muggeridge e como os movimentos de esquerda estavam destruindo a base moral da cultura. Referindo-se ao nazismo e ao comunismo, ele escreveu no início da década de 1930 que "É o mesmo espetáculo." Ele criticou a obsessão da cultura moderna pelo sexo e se referiu à aceitação do aborto, contracepção e eutanásia como o "desejo de morte" do liberalismo.

Reconhecendo o cerco da Torre de Marfim, Muggeridge, em 1979, disse ao autor: "Não existem comunistas na Rússia; os únicos comunistas que estão por aí hoje ocupam cátedras em universidades ocidentais." Em 1934, ele previu a invasão soviética do Afeganistão com 45 anos de antecedência e, então, em meados da década de 1970 — quando as democracias estavam em retrocesso — previu o iminente colapso da União Soviética.

Um problema com a biografia moderna é que muitas vezes carece da profundidade de pesquisa comum no passado. Vários biógrafos usam os mesmos textos prontamente disponíveis em bibliotecas universitárias ou de descendentes prestativos ansiosos por um elogio do querido e velho avô. O Sr. Wolfe não pode ser injustamente chamado de biógrafo preguiçoso, pois ele entrevistou associados de Muggeridge, examinou arquivos empoeirados e cartas antigas e passou tempo com o próprio Muggeridge. No entanto, há algumas fontes que são inexcusavelmente não examinadas.

Por exemplo, em 20 de fevereiro de 1983, algumas semanas após Muggeridge e sua esposa se converterem ao catolicismo, ele recebeu os proeminentes jornalistas católicos Roger McCaffrey e Michael Davies em sua casa em Sussex, Inglaterra, para uma longa sessão de perguntas e respostas.

Publicada como Um Bate-Papo à Beira da Lareira com Malcolm Muggeridge e transmitida no programa de rádio do Sr. McCaffrey, a entrevista é indispensável para uma biografia completa de Muggeridge, pois mergulha em sua análise do estado da igreja à qual ele foi recebido de forma célebre.

Referindo-se ao Papa João XXIII, que instigou o liberalizante Concílio Vaticano II (1962-1965), Muggeridge disse ao Sr. Davies: "O Papa João, que é apresentado como uma espécie de papa santo e perfeito, o bom homem de nosso tempo, quer conscientemente ou inconscientemente, fez mais dano à Igreja do que possivelmente qualquer outro homem individual tenha feito em toda a sua história... Parecia quase que o Papa João estava operando em nome do Diabo."

Ele não estava sozinho nesta opinião sombria sobre a hierarquia da igreja que, entre outros erros, iniciou a reaproximação com estados comunistas. O romancista Evelyn Waugh, o converso inglês mais famoso ao catolicismo, escreveu sobre os "múltiplos males" do concílio, que os bispos do concílio "estão destruindo tudo que é superficialmente atraente sobre minha Igreja" e que a nova liturgia introduzida na década de 1960 era "empobrecida." Um mês antes de morrer na Páscoa de 1966, um Waugh deprimido escreveu para sua velha amiga Lady Diana Mosley: "O Concílio Vaticano derrubou as minhas entranhas."

As críticas desses escritores à Igreja Católica pós-Vaticano II são importantes porque sua autodemolição epitomiza as tendências suicidas da sociedade ocidental como um todo.

Um Casanova e um liberal por direito próprio quando era mais jovem, Muggeridge estava intimamente ciente dos perigos espirituais da promiscuidade sexual e ideológica. Ele via como papel da religião advertir contra o vício, não acomodá-lo. À medida que as instituições do cristianismo se esforçavam para serem uma com o mundo em vez de antagônicas a ele, a cultura foi deixada desprotegida. Como Muggeridge via as coisas, a sociedade estava jogando a toalha, e os clérigos eram tristemente os primeiros a se render.

O Sr. Decker é um bolsista da Phillips Foundation de 2003.

Human Events Publishing, Inc. 27 de outubro de 2003
Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

2.2.6 Revisão da biografia de Malcolm Muggeridge por Gregory Wolfe

http://findarticles.com/p/articles/mi_m1282/is_n16_v49/ai_19722911/print

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia - críticas de livros

Digby Anderson

MALCOLM Muggeridge foi, em vários momentos, um socialista radical, um adúltero egoísta, um corajoso denunciador da União Soviética, autor de peças e romances "falhos", um vegetariano, um converso ao catolicismo romano e um apologista cristão. Ele foi, durante quase toda a sua vida adulta, um jornalista e um homem obcecado por si mesmo. O jornalismo era originalmente escrito, o que ele fazia muito bem, e mais tarde na forma de rádio, onde se expressava com uma voz afetada e arrogante, mas com muito sucesso. Gregory Wolfe escreveu uma biografia muito boa, de fato. A questão é saber se Malcolm Muggeridge merece isso. Não me refiro a se ele merece uma boa biografia. Quero dizer se ele merece uma biografia no geral. E se merece, em qual das capacidades acima é isso justificado?

Há quem pense que a decisão sobre se a biografia de alguém deve ser escrita não se trata de mérito. Mas uma reflexão momentânea mostra que isso é um absurdo. Não podemos realmente

permitir que todos e qualquer um tenha sua vida escrita. Mesmo agora, quando, sei lá, talvez uma em cada várias centenas de milhares de pessoas recebe uma biografia, claramente há biografias demais. A biografia está se tornando uma indústria impulsionada pelos produtores. Uma sociedade que perdeu a discriminação tácita necessária para decidir quem deve e quem não deve receber uma biografia está em sérios apuros. Muggeridge achava que a sociedade moderna havia perdido seus valores — ou seja, suas prioridades, sua capacidade de discriminar entre o grandioso e o trivial. Que ironia se sua biografia fosse testemunha dessa perda.

Pois à primeira vista, o Sr. Muggeridge — ou "Malcolm", como o Sr. Wolfe revela de maneira irritante — não merece uma biografia. Grande parte deste livro, assim como outras obras sobre Muggeridge, ocupa-se em discutir quem ele realmente era ou em qual das diferentes capacidades acima ele apresentou o verdadeiro Muggeridge. Mas não se pode negar que, se ele foi alguma coisa, foi um jornalista. No final das contas, ele não foi um romancista, e foi no jornalismo que ele se destacou.

Tem sido argumentado que o jornalismo é o romance de hoje. Ou melhor, que homens que teriam sido romancistas no passado agora são jornalistas. Eu acho que isso é verdade. Ao tomar essa decisão, eles recebem certas recompensas e punições. Jornalistas, pelo menos o tipo que Muggeridge era, podem ganhar muito dinheiro e ter muita influência. Mas seu meio é efêmero. Isso é verdade mesmo que os pensamentos que exprimem não sejam efêmeros. Devemos realmente permitir que jornalistas, mesmo os excelentes, tenham biografias? Como jornalistas, quero dizer? O Sr. O'Sullivan e o Sr. Buckley merecem biografias como colunistas e editores?

Eles podem, no entanto, merecer biografias em outros fundamentos. Eles podem ter tido vidas interessantes, ter sido "grandes" homens, ou mesmo apenas proporcionar ao biógrafo uma desculpa para especulações e discussões interessantes.

Wolfe claramente acredita que Muggeridge foi um grande homem. Ele considera suas Crônicas do Tempo Perdido uma "obra-prima literária", seu estilo de prosa "entre os melhores de sua geração". Ele o coloca como um escritor e "espírito" ao lado de Samuel Johnson, G. K. Chesterton e Evelyn Waugh. Ele acredita que ele é o segundo, somente atrás de C. S. Lewis, como apologista cristão entre os escritores modernos. Isso é simplesmente exagero. Se Muggeridge deve ser elevado às fileiras dos melhores, então outros cem de qualquer escritor, espírito ou apologista preferido também devem ser. Então deixa de ser uma classe dos melhores. Após a inflação de notas, temos a inflação de biografias.

Não, o fundamento em que esta biografia é justificada é que Muggeridge teve uma vida interessante. Foi interessante não porque os eventos fossem especialmente intrigantes, mas porque ele enfrentou de uma maneira intensificada vários dos dilemas que muitas pessoas de seu tempo enfrentaram, e esses dilemas são uma oportunidade útil para especulações fascinantes. Os dois principais são sobre a natureza do socialismo e a fonte dos valores na sociedade moderna. A história que provoca o primeiro é o encontro de Muggeridge com o socialismo através do fabianismo de seu pai, seu próprio quasi-marxismo mais severo, sua visita à União Soviética em 1932-33 e sua desilusão.

O segundo começa com sua leitura secreta da Bíblia na adolescência, sua conversão, como aluno de graduação, ao cristianismo e sua contemplação de uma vocação, seu encontro com a Índia após a universidade, seu renovado apoio ao cristianismo como uma visão de mundo após o episódio soviético, e sua eventual aceitação do cristianismo institucional em sua submissão romana em 1982. Não há dúvida de que sua postura contra a União Soviética após -- de fato, durante -- sua visita foi corajosa e lhe custou caro entre os muitos literatos que o acompanhavam. Em sua postura contra a contracepção, ele também foi corajoso. E sua aceitação final da autoridade divina como a única defesa contra a modernidade relativista foi à frente de seu tempo.

Wolfe vê tudo isso como parte de um todo Muggeridge. Muggeridge, o performer, o debunker em busca de citações, o "espírito" presunçoso, está realmente mostrando uma forma de repulsa em relação ao mundo que, no final, faz sentido em relação ao convertido das "duas cidades" do catolicismo agostiniano. Isso é justo, até certo ponto. E, até certo ponto, suponho que isso também pode se aplicar ao adultério. Sr. Wolfe está certo ao censurar aqueles que veem a conversão de Muggeridge a Roma como isolada de sua vida inicial e intermediária. Mas ele vai longe demais na outra direção. Havia outro Muggeridge, egoísta, sujo, obcecado por si mesmo e trivial. Esse eu também era real. Posso me lembrar de quão chateados estavam muitos provincianos ingleses de classe média quando aquele "terrível" "artificial" homem apareceu em suas telas de televisão. E o profundamente desagradável Muggeridge não pode ser concilidado de maneira simples com "São Mugg." Por que deveria ser? Podemos encontrar tudo em qualquer um de nós?

De outra forma, o relato de Wolfe é excessivamente neat, confortável demais. Ele pode não ter pretendido, mas o efeito de seu relato é apresentar uma história que termina bem. "Malcolm" volta para casa, para a Igreja, para o lugar que sempre o aguardou e para a paz. Wolfe admite algumas ondulações, para seu crédito. Muggeridge não era um católico ortodoxo em crença ou prática. Mais seriamente, ele estava preocupado com os desenvolvimentos modernos na própria Igreja. Wolfe não prossegue com isso. Ele deveria ter.

Pois a Igreja na qual Newman, Manning, Knox e Waugh foram recebidos não era a Igreja que Muggeridge entrou. Essencialmente, para os católicos, era e é a mesma, na medida em que é a verdade. Mas a Igreja é grande. E o que Waugh percebeu -- como revelado por sua correspondência com o Cardeal Heenan -- e o que Muggeridge notou é que uma mudança ocorreu. Muggeridge via a Igreja como o único e último bastião contra a modernidade relativista. O que acontece quando a modernidade relativista se manifesta dentro da Igreja, dentro do único e último bastião? Pois não há dúvida de que o argumento da relatividade cultural agora está presente na Igreja. Ele é resistido por um corajoso e enfermo Pontífice e um astuto Cardeal Ratzinger. Mas ele está presente. Isso não promove paz e tranquilidade, ou mesmo uma sensação de um lar seguro. Alguns dizem que sempre foi assim. A heresia esteve sempre na Igreja. Mas a heresia do relativismo é algo novo, como Muggeridge percebeu. Não é tanto que seja errada, mas que é corrosiva de toda crença e ainda mais de paz e segurança.

A vida de Muggeridge foi mais confusa do que Wolfe permitirá. E nosso mundo, incluindo a Igreja Cristã, está em uma situação mais confusa do que ele sugere. Mas a vida de Muggeridge valeu uma biografia, afinal. E esta é uma muito bem pesquisada e bem escrita, uma leitura fascinante; apenas muito arrumada e não quase sombria o suficiente. Coisas que nunca se poderia ter acusado "Malcolm" de.

DIREITO AUTORAL 1997 National Review, Inc.
DIREITO AUTORAL 2004 Gale Group

2.2.7 Um retrato de Muggeridge pelo New York Times

Como Ter Sucesso na Grã-Bretanha Sem Realmente Tentar

Por BRUNO MADDOX

Publicado em: 24 de março de 1996

MUGGERIDGE: A Biografia. Por Richard Ingrams. Ilustrado. 264 pp. San Francisco: HarperSanFrancisco. $27,50.

As mais antigas memórias de Malcolm Muggeridge eram de homens meio bêbados discutindo política "com nuances literárias e filosóficas", e suas memórias posteriores seguiam a mesma linha. Filho de um orador socialista extrovertido das províncias, Muggeridge (1903-90) carregou a tocha do dilettantismo inglês durante a maior parte do século XX, estabelecendo, como escritor e apresentador de televisão, o tom para uma geração global de pessoas que não têm ideia do que querem fazer, exceto que isso tem algo a ver com Mídia.

Um protegido de Muggeridge, Richard Ingrams, usa habilidosamente a amizade deles como um pretexto para não tentar, nesta biografia, exagerar as realizações do homem, rastreando em vez disso o suave fluir de sua personalidade. Como jovem romancista, Muggeridge recebeu boas críticas; mas ele se sentiria mais à vontade na televisão do que em qualquer outro lugar. Ele foi um pioneiro daquela legião de figuras da televisão britânica que usam sua "não-televisividade" para implicar grandeza e especialização em outras áreas não nomeadas. Ele não era bonito e não tinha uma dicção particularmente boa, então as pessoas presumiram que ele era um gênio. E estavam certas.

Depois de se formar em Cambridge no início da década de 1920, Muggeridge passou alguns anos obrigatórios se comportando de forma excêntrica na ainda britânica Índia antes de subir com estilo e irreverência nos meios literários para editar o jornal satírico Punch e ajudar a dar à luz seu rival mais afiado, Private Eye. Apesar de dizer a quem quisesse ouvir que colaboraria com os nazistas se eles invadissem a Inglaterra, ele, no entanto, fez sua parte na Segunda Guerra Mundial como um espião eloquente na África do Sul, despejando seu entusiasmo pelo relacionamento alegre e descomplicado com mulheres casadas que falhou repetidamente em abalar sua esposa dedicada, Kitty.

Quando estava em seus 50 anos, o humor mundano e a proficiência em conversar com bêbados de Muggeridge chamaram a atenção da BBC, que o tornou uma das primeiras personalidades puras da televisão, um entrevistador e apresentador versátil viajando pelo mundo, sendo ele mesmo. Enquanto a maioria dessas figuras daquele período era tão rígida quanto as câmeras que as

filmavam, a facilidade de Muggeridge fez dele uma celebridade instantânea, famoso principalmente por ser famoso.

Ele fez maior sucesso em uma viagem da BBC à Índia em 1968. A reputação impecável de Muggeridge como cínico fez com que o espetáculo de sua adulação por Madre Teresa -- ele estava convencido de que Deus, e não a Kodak, havia permitido que o interior sombrio de seu hospício em Calcutá aparecesse no filme -- a transformasse da noite para o dia, aos olhos do público britânico, na maior freira da era pós-"Sonho de Liberdade". Essa visita, e sua amizade subsequente com Madre Teresa, tornaram Muggeridge um católico romano inabalável, embora não particularmente convincente, até sua morte aos 87 anos. No entanto, em vez de amolecê-lo, sua conversão às vezes parecia quase uma manobra tática para realizar ataques escandalosos à contracultura.

Biografias frequentemente revitalizam; "Muggeridge" deixa você admirado com quanta talentosa, sensibilidade e visão um homem pode ter e ainda assim não encontrar um emprego que goste. Talvez, no entanto, isso seja perder o ponto do amadorismo britânico. Tanto em seu estilo quanto em seu assunto, o Sr. Ingrams, colunista do The Observer, consegue brilhantemente fazer de Muggeridge um ícone para as crescentes fileiras daqueles presos entre grandeza e importância. Na mais fina tradição britânica, Muggeridge elevou seu dilettantismo primeiro a uma profissão e depois a uma forma de arte. Seu gênio e seu legado duradouro são que, através da Mídia, ele encontrou uma maneira de transformar a falta de foco em um fim em si mesmo.

Bruno Maddox escreve frequentemente para o New York Times Book Review.

2.2.8 A conversão de Malcolm Muggeridge e a dúvida

http://www.articlecity.com/articles/religion/article_173.shtml

Como se Encontra a Fé? Católico Relapso por: **Michael A. S. Guth**

O título deste artigo é uma pergunta que William F. Buckley inicialmente fez ao ensaísta britânico Malcolm Muggeridge em um dos melhores programas já produzidos na série de televisão PBS Firing Line. Muggeridge respondeu à pergunta observando que, como jornalista e comentarista social, ele havia observado eventos humanos por mais de cinquenta anos. Essa experiência pessoal de ver a devastação após a Segunda Guerra Mundial, os efeitos do comunismo e o declínio do cristianismo na Europa o levou a buscar uma verdade superior àquela que a humanidade poderia descobrir por si mesma. É o desdobramento gradual das tragédias humanas que ensinou Muggeridge que deve haver mais para o grande drama da vida humana do que aquilo que a razão pode explicar.

Li e reli a transcrição da entrevista de Bill Buckley com Malcolm Muggeridge muitas vezes e acredito que Muggeridge articulou algumas verdades duradouras durante essa entrevista. Neste artigo, apresento e respondo às mesmas perguntas que Muggeridge e comparo nossas respostas. Na época de sua entrevista, Muggeridge era cristão, embora não fosse membro de nenhuma

denominação. Buckley o descreveu como o principal apóstolo leigo do cristianismo. Poucos anos após sua entrevista, Muggeridge e sua esposa se juntaram à Igreja Católica Romana; no entanto, ele permaneceu criticamente atento às reformas que se seguiram ao Segundo Concílio do Vaticano e preferiu a igreja em seus modos anteriores ao Vaticano II.

Minha própria experiência e formação consistem em uma pessoa nascida e criada na igreja católica, que posteriormente parou de frequentar a missa, porque se sentia espiritualmente seco. Não tenho grandes divergências de política com a Igreja Católica, embora distinga entre os comentários feitos à imprensa por membros da hierarquia da igreja e aqueles que seriam defendidos por Jesus Cristo, se ele estivesse vivo hoje. Quando há diferenças entre os dois, eu me posiciono firmemente ao lado que reflete os próprios ensinamentos de Jesus, conforme citado no Novo Testamento. Hoje, descubro que tenho uma conexão espiritual com a Igreja Católica e freqüentemente assisto à missa às sextas-feiras, seguida por um breve serviço do rosário. Mas não sou nutrido espiritualmente com as missas aos domingos.

Quando perguntado como encontrou Deus, Muggeridge riu, dizendo que não teve nenhum tipo de conversão na estrada de Damasco, onde era um não-crente em um dia e um crente no dia seguinte. Em vez disso, ele encontrou Deus através “do desdobramento de uma iluminação que é cheia de dúvida, assim como de certeza. Eu realmente acredito na dúvida. Às vezes se pensa que é a antítese da fé, mas eu acho que está conectada à fé – algo que, na verdade, Santo Agostinho disse – como, você sabe, concreto armado, e você tem aquelas tiras de metal no concreto, que o tornam mais forte.”

Concordo que aqueles que buscam a iluminação, não para ganhar conhecimento, mas em uma tentativa de entender circunstâncias e encontrar a verdade, descobrirão as limitações do pensamento humano e das teorias científicas. Ao longo do caminho, essas pessoas estarão expostas a explicações religiosas, que poderão investigar mais a fundo ou rejeitar como meras superstições. Mas, quanto mais elas procuram, mais esbarrarão em questões em que acreditam, mesmo sem evidências que comprovem suas crenças. Essas crenças não precisam ser de natureza religiosa. Por exemplo, as pessoas podem acreditar que existem formas de vida inteligente em algum lugar do vasto universo. Ou podem acreditar que não há Deus, mesmo que não consigam provar a não existência de Deus melhor do que aqueles que acreditam em Deus podem provar sua existência. Talvez menos importante do que realmente descobrir e dominar alguma verdade transcendental seja a busca pela verdade; a verdade é o que a mente inquisitiva busca para se libertar.

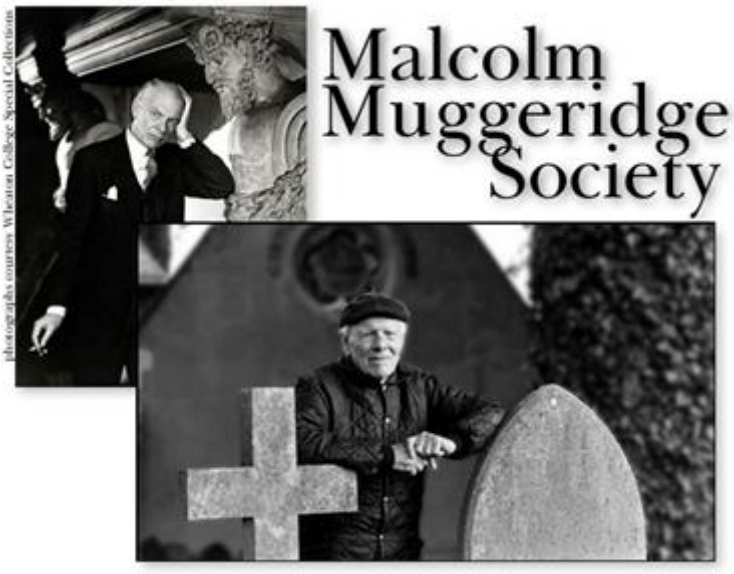
Muggeridge estava certo ao dizer que a fé sem dúvida não é fé alguma; é uma espécie de aceitação entorpecente de tudo que é ensinado, sem qualquer segundo pensamento ou questionamento. Se eu perguntasse a meus amigos religiosos se eles têm dúvidas sobre sua fé, a maioria, senão todos, responderia imediatamente "não", e alguns ficariam ofendidos por sua fé poder até ser objeto de dúvida. Mas essa é completamente a resposta errada. Ter fé em Deus significa que uma pessoa testou e avaliou outras teorias concorrentes para explicar vários fenômenos e voltou às suas crenças iniciais. A menos que uma pessoa tenha uma mente aberta para ouvir os desafios à sua fé, ela nunca poderá ter certeza de que suas crenças religiosas são mais do que mitologia, semelhante à que o homem moderno ridiculariza dos antigos gregos.

Na mitologia grega, o sol atravessava o céu porque o deus Apolo dirigia sua carruagem nos céus. A mudança das estações supostamente se devia a alguma deusa grega sendo negada de visitar sua filha. A fé no conceito judaico-cristão de Deus deve ter uma base mais firme do que explicações bobas para forças da natureza. Uma maneira de diferenciar o conceito judaico-cristão da mitologia grega é pela longevidade das crenças. A igreja cristã já tem quase 2.000 anos. Quando começo a me perguntar se sou tolo por acreditar em Deus, encontro conforto no fato de que, ao longo dos séculos, muitas pessoas muito inteligentes (assim como um número ainda maior de pessoas simples e não educadas) acreditaram que Deus existia e que teríamos maior proximidade e comunhão com Deus na vida após a morte. É possível que todos aqueles bilhões de pessoas estivessem simplesmente erradas? Sim, é possível, mas altamente improvável.

http://michaelguth.com/lawnews.htm

Dr. Michael A. S. Guth, Ph.D., J.D. é Professor de Economia Financeira e Direito em várias universidades com programas de graduação on-line e advogado no Tennessee. Ele escreve petições legais e apelações para firmas de advogados, bem como para seus próprios clientes. Na parte de varejo, sua prática jurídica busca capacitar indivíduos a se representarem em tribunal sem um advogado. Ele auxilia essas partes pro se na redação de documentos judiciais (pleitos) e na realização de pesquisas jurídicas. Suas informações de contato estão exibidas em cada uma das páginas da web dos negócios acima.

2.2.9 A Sociedade Malcolm Muggeridge



http://www.malcolmmuggeridge.org/

2.2.10 O Anglicano Alec Vidler e Malcolm Muggeridge

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia

McClain, Frank M.

Malcolm Muggeridge: A Biography. Por Gregory Wolfe. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1997. xviii + 462 pp. $35,00 (capa dura).

O livro de Gregory Wolfe é impressionante. Wolfe tem uma profunda apreciação por seu tema. Com cuidado, ele usou documentos inéditos, material publicado e, aparentemente, uma série de entrevistas pessoais. É uma leitura deliciosa. Os assinantes da *Anglican Theological Review* acharão a biografia desafiadora e também se entreterão. Afinal, Muggeridge foi um dos melhores editores de *Punch* de todos os tempos.

Malcolm Muggeridge está ao lado de Evelyn Waugh como um dos conversos emblemáticos do anglicanismo para a Igreja Católica Romana no século XX. Muggeridge e sua esposa, de fato, foram recebidos na Igreja Romana no final de sua vida, e a biografia descreve uma peregrinação espiritual. No entanto, até o final, as Orações da Manhã e da Tarde do Livro de Oração Comum de 1662 formavam a base das devoções diárias dos Muggeridge.

Malcolm primeiro "se converteu" à fé cristã quando era estudante de graduação no Selwyn College, em Cambridge. Seu diálogo religioso com seu amigo, o teólogo Alec Vidler, começou ali, continuou por mais de sessenta anos e amadureceu quando os Muggeridge e Vidler moraram a algumas milhas de distância em Sussex. No entanto, a vida de Malcolm foi marcada por inúmeras excursões para caminhos sensuais e mundanos. As infidelidades matrimoniais dos Muggeridge forneceriam material para várias novelas. No entanto, a Eucaristia foi a pedra angular que o sustentou quando ele estava mais longe de ser um cristão praticante. A memória da celebração diária quando viveu como hóspede por dois anos na casa do Oratório do Bom Pastor em Cambridge, ajoelhando-se ao lado de Madre Teresa na missa em Calcutá, ou ouvindo a Proclamação da Páscoa Ortodoxa em Kiev, formou e nutriu as qualidades que o tornaram um defensor fervoroso da fé cristã.

Malcolm também foi sustentado por relacionamentos pessoais próximos. Em uma oração de agradecimento, ele lembrou-se das três pessoas que mais significaram para ele em sua vida: sua esposa Kitty, Hugh Kings Mill e Alec Vidler:

K., por amor eterno, dado e recebido.

H. K., por risos e luz.

A. V., por as raízes, o tronco, os ramos e as folhas.

As amizades deram estrutura e apoio à sua vida. Mas Malcolm parecia buscar uma certeza e uma estrutura não fornecidas pela Igreja da Inglaterra e pela teologia inclusiva do anglicanismo. Talvez isso fosse uma característica familiar. Um de seus filhos se juntou aos conservadores evangélicos dos Irmãos de Plymouth. Outro precedeu Malcolm na Igreja Católica Romana.

Muggeridge foi uma personalidade popular da televisão, um verdadeiro "fala-cabeça" da BBC. Mas também foi um jornalista de destaque, escrevendo para jornais tão diversos quanto o *Manchester Guardian* e o *Telegraph*. Suas opiniões, muitas vezes uma surpresa para seu público, o marcaram como um rebelde não-conformista consistente. Muitos imperadores não estavam vestidos no século XX, e Malcolm tinha o dom de detectá-los todos. Apesar de sua estreita conexão familiar com os Sidney Webbs, Muggeridge foi um dos primeiros a perceber o lado sombrio do comunismo soviético. O nazismo na Alemanha, o materialismo ocidental, a pretensão imperial britânica na Índia, e a sociedade e cultura inglesa (e americana) foram todas alvo de sua aguda observação. Sua oposição ao aborto, à contracepção e à eutanásia levantou sobrancelhas liberais, não mais do que outras eram levantadas em resposta a sua afirmação da sexualidade como um sacramento.

Em um documentário, *Paulo: Enviado Extraordinário*, que os dois produziram juntos, seu amigo Alec Vidler comparou o gênio de Malcolm ao de São Paulo, que "era um pensador intuitivo. Ele tinha os insights de um vidente e conseguia expressar o que via com a confiança de um poeta... Ele nunca usava palavras como 'possivelmente', 'provavelmente' ou 'talvez'." Nem Muggeridge. A biografia de Gregory Wolfe atesta isso.

FRANK M. McCLAIN

Charleston, Carolina do Sul

Anglican Theological Review, Inc. Inverno de 1999

Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

Revision #4
Created 21 September 2024 01:44:37 by Admin
Updated 24 September 2024 01:38:07 by Admin